

**A TEORIA DA PROEMINÊNCIA DE GRIMSHAW
E OS PSICO-VERBOS
DO PORTUGUÊS BRASILEIRO***

**Márcia CANÇADO (Universidade Estadual de
Campinas)**

ABSTRACT: The principal aim of this paper is to provide evidence, through the analysis of Grimshaw's Prominence Theory (1990), for a semantic analysis of the questions arised by the psych verbs. We show that Grimshaw makes a misleading proposal in a study about the argument structure when she blends thematic and aspectual considerations in just one level of analysis.

0. Introdução

O objetivo de analisarmos a proposta de Grimshaw não é apenas mostrar que a análise temático-aspectual que a autora apresenta para os psico-verbos¹ é inadequada. A idéia principal é mostrar que com a aplicação dessa análise nos dados em português, temos indícios semânticos apontando que uma solução adequada para os problemas envolvendo os psico-verbos pode estar em uma análise onde o conteúdo particular dos papéis temáticos têm relevância em certos processos sintáticos, isto é, uma

Cançado, M. *D.E.L.T.A.* 11. 2:279-99. 1995.

análise semântico-representacional (ver Cançado, em prep.).

O artigo mostrará, resumidamente, em uma primeira seção, a proposta de Grimshaw. Na seção 2, apontaremos as críticas à teoria, utilizando-nos para isso os dados do português. Na seção 3 apresentaremos a análise aspectual de van Voorst (1992) para os psico-verbos do português. Na seção 4 concluímos que o caráter aspectual atribuído por Grimshaw a uma das classes dos psico-verbos, na realidade, só pode ser temático. E na seção 5, finalizamos com algumas considerações.

1. Proposições da Teoria de Grimshaw

Grimshaw (1990) faz um estudo da representação da estrutura argumental (estrutura-A), onde o termo refere-se à representação lexical da informação gramatical sobre o predicado. A estrutura-A de um ítem lexical é, então, parte de sua entrada lexical. Essa estrutura interage com dois outros tipos de representação: a estrutura semântico-lexical que representa o sentido lexical e a estrutura-P. A estrutura-A é projetada da estrutura semântico-lexical, e a estrutura-P é projetada da estrutura-A e dos princípios de X da GB (*Government and Binding*). Portanto, uma teoria completa da estrutura-A teria que estudar todos esses processos descritos acima, e o componente principal dessa teoria seria a natureza e a organização da representação da estrutura-A. A teoria de Grimshaw investiga basicamente esse componente central.

A hipótese central do estudo da autora é que a

Cançado, M. D.E.L.T.A. 11. 2:279-99. 1995.

estrutura-A é uma representação estruturada sobre a qual relações de proeminência são definidas, e na qual o argumento externo é mais alto que os argumentos internos, contando como se c-comandasse assimetricamente os argumentos internos, sob o ponto de vista da GB. A fundamental proposição da Teoria da Proeminência, assim como Grimshaw denomina seu trabalho, é que a estrutura-A de um predicado tem sua própria estrutura interna que afeta o comportamento gramatical desse predicado em muitas maneiras. A organização da estrutura-A para um predicado é tomada como sendo um reflexo de sua semântica lexical, portanto a estrutura-A de um predicado deve ser derivável de características chaves do seu sentido.

A teoria propõe, basicamente, que:

1. As relações de proeminência são juntamente determinadas pelas propriedades temáticas do predicado (via Hierarquia Temática) e pelas propriedades aspectuais do predicado.

2. A Teoria da Proeminência, apesar de seguir uma linha parecida, difere das posições de gerativistas como Belletti & Rizzi (1988) e Zubizarreta (1992) em um ponto: a organização interna da estrutura-A resulta (em parte) da Hierarquia Temática. Portanto, as relações de proeminência refletem informações temáticas de um certo tipo, embora bem limitado, nomeando somente se um dado argumento é mais alto ou mais baixo que outro na Hierarquia Temática. Para os autores acima, operações definidas sobre a estrutura-A devem ser cegas aos papéis temáticos e depender somente das características formais da própria

Cançado, M. *D.E.L.T.A.* 11. 2:279-99. 1995.

estrutura-A.

3. Hierarquia Temática é entendida como a organização de princípios da estrutura-A, determinada por princípios universais baseados em propriedades semânticas. A organização da estrutura-A é o único papel que a hierarquia tem na teoria, e a localização dessa hierarquia é estritamente na interface entre a estrutura conceitual lexical e a estrutura-A. A estrutura-A não possui informações sobre papéis temáticos particulares, mas apenas informações sobre a relativa proeminência dos argumentos. Com o propósito de manter a compreensibilidade será usada uma lista de papéis temáticos para a identificação dos argumentos. A teoria não atribui nenhum status a isso; é só um instrumento descritivo, assim como a sintaxe utiliza-se de termos como sujeito, objeto, etc.

4. O conceito de argumento externo pode ser explicado em termos de proeminência da estrutura-A. O argumento externo é o argumento mais proeminente das duas dimensões na estrutura-A de um predicado. Portanto, um argumento é externo ou interno devido a suas relações intrínsecas com outros argumentos.

Vejamos agora qual a relação da proposta acima com os psico-verbos.

1.1 Os Psico-Verbos e a Teoria

Como é conhecido na literatura, os verbos psicológicos, que são verbos que denotam um estado emocional ou mental e têm um argumento que recebe o papel temático de Experienciador (Exp), apresentam um anômalo

Cançado, M. *D.E.L.T.A.* 11. 2:279-99. 1995.

comportamento em relação a outros transitivos: um grupo desses verbos apresenta o Exp na posição de sujeito e o Tema na posição de objeto, e um outro grupo apresenta o Exp no objeto e o Tema no sujeito, parecendo ser de uma maneira aleatória. Esse segundo grupo de verbos também apresenta outro tipo diferente de comportamento: permite a ligação de uma anáfora contida no sujeito com um antecedente localizado no objeto, parecendo violar a condição de c-comando exigida pelo Princípio A de Ligação da GB. Grimshaw apresenta os problemas encontrados nos psico-verbos como evidências para corroborar a configuração proposta da estrutura-A: suas características podem ser entendidas como um resultado da não-combinação entre as relações de proeminência temática e aspectual, resolvendo assim o seu atípico comportamento, e dando evidências para a provável existência das duas relações de proeminência. Essas aparentes restrições temáticas que apresentam os verbos psicológicos, mostradas como consequência dos princípios da estrutura-A, provam também a não-necessidade de referência explícita aos papéis temáticos.

1.1.1 Dimensões Temática e Aspectual

As duas classes de psico-verbos estudadas por Grimshaw apresentam a seguinte dimensão temática:

- | | | |
|---------------------|-----|------|
| (1) FEAR | (x | (y)) |
| ` <i>temer</i> ' | Exp | Tema |
| (2) FRIGHTEN | (x | (y)) |
| ` <i>assustar</i> ' | Exp | Tema |

Cançado, M. D.E.L.T.A. 11. 2:279-99. 1995.

Vemos que a realização sintática dos argumentos não é, obviamente, um reflexo direto de sua proeminência temática. Portanto, essa diferença só pode advir de outro lugar. E segundo Grimshaw, a resposta está na existência de um segundo tipo de análise, de caráter aspectual, na qual é atribuído status diferentes para o Exp de *frighten* e o Exp de *fear*. E é dessa análise que decorre a diferenciação da realização sintática desses argumentos.

A diferença crítica entre essas duas classes parece ser que *frighten* tem um sentido causativo não compartilhado por *fear*, que por sua vez é um verbo estativo. Segundo Grimshaw, essa causa tem um caráter aspectual que faz as duas classes de verbos pertencerem a diferentes sub-classes aspectuais. Pesetsky (em prep.) aponta que em japonês a morfologia de verbos do tipo *frighten* é, transparentemente, causativa. E, também temos como evidência que a grande maioria dos verbos dessa classe tem uma contraparte agentiva com um sentido causativo óbvio:

(3) Someone frightened John. `alguém
assustou John'

Grimshaw e Pesetsky assumem que argumentos de Causa de predicados causativos são sempre sujeitos, e portanto, o verbo *frighten* que tem um caráter aspectual causativo, comporta-se da mesma maneira. Temos, então, que o Tema, sendo o argumento correspondente à Causa, realizando-se como o sujeito não é nenhum mistério. A

Cançado, M. D.E.L.T.A. 11. 2:279-99. 1995.

estrutura causal de um predicado também define uma hierarquia, assim como a estrutura temática o faz, onde o argumento Causa é o mais proeminente:

- (4)a.(Ag (Exp (Alvo ...(Tema))))
 b.(Causa (outro (...)))

Para o verbo *frighten*, a primeira posição da organização temática não corresponde à primeira posição na dimensão causal, desde que elas não são ocupadas pelo mesmo argumento. Ao contrário, o segundo elemento na dimensão temática está associado ao primeiro elemento na dimensão causal. E o primeiro elemento na dimensão temática corresponde à segunda posição na dimensão causal:

(5) The building frightened the tourist. `o
monumento assustou os turistas'

(6) FRIGHTEN (x (y))

Exp Tema D.Tem. Cau ...

D.Asp. Portanto, o caráter especial da realização sintática dos verbos tipo *frighten* (não-agentivo) tem sua origem no conflito entre as duas hierarquias, sendo o sujeito mais proeminente na hierarquia causal mas não sendo o mais proeminente na hierarquia temática. E a teoria estipula que é o argumento mais proeminente da dimensão causal que especifica quem será realizado como sujeito. Essa proposta de análise aspectual permite-nos um estabelecimento muito simples de um princípio de seleção do sujeito. Já os verbos do tipo *fear* têm o sujeito mais

Cançado, M. D.E.L.T.A. 11. 2:279-99. 1995.

proeminente tanto na hierarquia temática quanto na hierarquia causal, coincidindo as relações de proeminência, e atribuindo ao sujeito o status de argumento externo, pois argumento externo, na teoria, será o argumento que resultar quando as duas dimensões pegarem o mesmo argumento como mais proeminente. Por isso, *fear* é igual a tantos outros transitivos:

(7) FEAR (x (y)) Exp
 Tema State ...

(8) BREAK (x (y))
 `quebrar' Ag Pac
 Cau ...

As propostas até aqui mostraram soluções para o problema da realização sintática das duas classes. Vejamos agora as outras propriedades sintáticas da classe dos verbos do tipo *frighten*.

1.1.2 Outras Propriedades Sintáticas

A Teoria de Estrutura Argumental pode predizer alguns fatos sintáticos que ocorrem com os psico-verbos. Por exemplo, assumindo o que Kaine (1975) diz sobre o fato de que a reflexivização e a passivização só podem existir se ocorrer a ligação lexical com o argumento externo, podemos prever que o fato de verbos do tipo *frighten* não terem argumento externo determina a não-realização de clíticos reflexivos como anáforas e a não-realização da

Cançado, M. D.E.L.T.A. 11. 2:279-99. 1995.

passivização sintática.

Sobre o estranho comportamento anafórico atribuído a esses verbos, Grimshaw segue a solução de Giorgi (1984): o autor diz que o anafórico deve estar ligado ao seu antecedente que tenha a maior proeminência em seu domínio temático, e que proeminência é determinada pela hierarquia temática que situa o Exp acima do Tema. Portanto, para a teoria da proeminência, o verbo *frighten* sempre terá o seu Exp tematicamente mais proeminente, a despeito do fato de ele ser realizado na posição de objeto. Essa hipótese explica, em termos de proeminência, porque o antecedente varia de acordo com a classe semântica do verbo: em verbos do tipo *frighten*, o objeto-Exp, na hierarquia temática, é mais proeminente que o Tema e por isso pode ser pego como antecedente de uma anáfora.

Vimos as propostas da teoria para os problemas apresentados pelos psico-verbos em termos de realização sintática, ligação de anáforas, e a explicação para o fato de que verbos do tipo *frighten* não apresentam passivas sintáticas e reflexivização anafórica; mostraremos a seguir que essas propostas não se encaixam nos dados do português, e que também existem erros de ordem conceitual na teoria proposta.

2. Críticas à Teoria da Proeminência

A dúvida principal que surge da análise de Grimshaw é a respeito do caráter aspectual que a autora atribui à Causa refletida nos verbos do tipo *frighten*. Em uma análise descritiva dos psico-verbos em português, classificamos

Cançado, M. D.E.L.T.A. 11. 2:279-99. 1995.

essa Causa como sendo uma relação temática entre o verbo *preocupar* e seu sujeito. Grimshaw sustenta que essas classes de psico-verbos têm o mesmo papel temático, mas diferem quanto ao seu caráter aspectual. A autora diz que é baseada na classificação aspectual dada por Vendler-Dowty (1979) que ela faz essa afirmação. Portanto, esse é um ponto que iremos analisar, mais detalhadamente, usando para isso a análise de van Voorst (1992) dos psico-verbos em inglês, onde a mesma classificação de Vendler-Dowty foi utilizada. Mas antes de passarmos para essa análise aspectual, faremos algumas críticas já percebidas em uma primeira análise dos dados do português à luz da Teoria da Proeminência.

2.1 Dados do Português

Em trabalho extenso sobre os psico-verbos, analisamos 300 verbos e suas respectivas redes temáticas e as condições que envolvem a seleção argumental desses verbos (ver Cançado, em prep.). Aqui, mostraremos apenas a classificação desses verbos segundo às propriedades sintáticas apresentadas, e depois analisaremos essas classes sob a perspectiva de Grimshaw. O que vamos mostrar com essa análise é que existem alguns indícios de ordem semântica (no sentido de relações temáticas) que justificam uma análise dos problemas envolvendo os psico-verbos em termos de semântica representacional.

Segundo as diferentes propriedades apresentadas, existem quatro classes de psico-verbos no português. Esse é

Cançado, M. D.E.L.T.A. 11. 2:279-99. 1995.

um fato novo a respeito desses verbos, ainda não mostrado na literatura. Resumidamente, mostraremos como foi elaborado o quadro (9) que apresenta as classes e as respectivas propriedades²: o verbo; a localização sintática do Exp; se é permitido a ligação de anáforas com o antecedente no sujeito; a capacidade do verbo aceitar construções ergativas e construções causativas; também vemos a possibilidade de haver uma inversão dos dois últimos argumentos; se o verbo apresenta passivização sintática ou adjetiva; se o verbo possui uma interpretação arbitrária quando temos *pro* como sujeito da oração; e se o verbo permite orações causativas encabeçadas:

Quadro I

Classe 1	Classe 2	Classe 3	Classe 4	<i>temer</i>	<i>preocupar</i>
	<i>acalmar</i>	<i>animar</i>			
Exp-suj	Exp-obj	Exp-obj	Exp-obj	-anaf	+anaf
+anaf	+anaf	-erg	+erg	+erg	-cau
+cau	+cau	+cau	+inv	-inv	-inv
+p.sin	+p.adj	+p.sin	+p.s/ad	+ <i>pro</i>	- <i>pro</i>
+/- <i>pro</i>	+c.enc	-c.enc	+c.enc	+/-c.enc	-----

Os verbos da Classe 4 são verbos que tanto podem pertencer à Classe 2 ou à Classe 3; vai depender da leitura que se faz do verbo. Portanto, eles vão apresentar todas as características dessas duas classes. Deixaremos de lado a análise dessa classe por não se mostrar relevante para o

Cançado, M. D.E.L.T.A. 11. 2:279-99. 1995.

nosso objetivo nesta discussão. Vejamos então, as hipóteses de Grimshaw.

Por exemplo, para a Classe 1 dos verbos tipo *temer*, de acordo com a Teoria da Proeminência, teríamos o seguinte:

(9) José teme o cachorro.
 Exp Tema D.Tem. State State
 D.Asp.

A teoria diz que a hierarquia aspectual determina qual argumento é realizado como sujeito. De acordo com os dados em (9), não temos condição de prever qual argumento da dimensão aspectual é o mais proeminente, se o argumento ligado ao Exp ou ao Tema. Entretanto, verbos dessa classe têm argumento externo, como assume Grimshaw. Mas, através da análise aspectual não existe nenhuma evidência que nos leve a essa conclusão. Por estipulação, Grimshaw diz que verbos do tipo *fear* têm o mesmo alinhamento das duas dimensões que os verbos agentivos:

(10) John constrói um prédio.
 Ag Tema
 Atividade Estado

Assumindo que *atividade* é mais proeminente que *estado*, apesar da hierarquia causal mencionada pela autora não ser explicitada em seu trabalho, teríamos que o sujeito de verbos agentivos é mais proeminente em ambas as

Cançado, M. D.E.L.T.A. 11. 2:279-99. 1995.

dimensões, determinando assim o argumento *John*, em (10), como sendo um argumento de proeminência máxima:

(11) AGENTIVOS: (Ag (Tema))
1 2

E assumindo, também por estipulação, que o alinhamento das duas dimensões é o mesmo que para os agentivos, temos, para os verbos do tipo *temer*, a seguinte representação dentro da teoria de proeminência:

(12) TEMER (Exp (Tema))
1 2

Analisando as afirmações acima, temos que, primeiro, se os verbos do tipo *fear* têm a mesma dimensão aspectual, como pode se determinar, através do proposto na teoria, quem será o sujeito ou o argumento externo desse tipo de verbo? Segundo, porque os verbos do tipo *fear* têm que ter a mesma estrutura-A de verbos transitivos normais? Com a explicação acima, que é a explicação dada pela autora, não se tem motivos para chegarmos a essa conclusão. Terceiro, em que hierarquia aspectual está a autora baseando-se? Em seu trabalho, a única afirmação relativa a essa hierarquia é sobre a Causa como sendo a mais proeminente. Em realidade ela não especifica nem quais são os elementos participantes dessa hierarquia aspectual. Portanto, sob a teoria proposta por Grimshaw pesa a mesma acusação que ela própria faz a Belletti & Rizzi (1988) quando diz que a teoria lexical proposta pelos

Cançado, M. D.E.L.T.A. 11. 2:279-99. 1995.

autores é uma estipulação arbitrária. E um último ponto, a classe dos verbos tipo *fear* não pode corroborar a organização em duas dimensões da estrutura-A proposta pela autora; não se pode dizer, a partir desses verbos, se realmente a dimensão aspectual proposta tem influência nas configurações sintáticas, ou mesmo, se esta dimensão existe.

Para a Classe 2, que apresenta a estrutura-A proposta em (13), a não-uniformidade entre as duas proeminências parece explicar a realização sintática mostrada por esses verbos³:

(13) A filha preocupa a mãe.	Tema
Exp	
Causa	Estado
(14) PREOCUPAR (Exp (Tema))	
2	1

Mas vemos que essa afirmação não se sustenta com a análise da Classe 3. A estrutura-A que deveria ser adotada, de acordo com a Teoria da Proeminência, para essa classe, seria:

(15) A polícia acalma a multidão.	
Tema	Exp
Causa	Estado
(16) ACALMAR	(Exp (Tema))
2	1

Essa representação, que é idêntica à representação em (14),

Cançado, M. D.E.L.T.A. 11. 2:279-99. 1995.

prevê que o verbo *acalmar* tem sujeito profundo, mas não tem argumento externo. Não tendo argumento externo, o verbo não deve realizar passiva sintática e nem fazer a ligação anafórica do clítico reflexivo. Mas (17),(18) contrariam essa afirmação:

- (17) A multidão foi acalmada pela polícia.
 (18) A multidão se acalma.

Portanto, não é verdade que a teoria possa fazer previsões a respeito dessas propriedades sintáticas. E também não parece ser lógico que a Classe 2 não tenha argumento externo, de acordo com a sua estrutura-A e a Classe 3, que é idêntica do ponto de vista da estrutura-A, tenha argumento externo. Vemos, então, que a diferença entre essas duas classes não pode ser estabelecida pela estrutura-A proposta.

O que percebemos na análise descritiva desses verbos é que a diferença entre as duas classes, que a teoria de Grimshaw não consegue estabelecer, está no tipo de papel temático que cada classe pode receber. A Classe 3, na nossa hipótese e também como a própria análise crítica de Grimshaw vai mostrar mais a frente, tem como papel temático, e não aspectual, uma Causa na posição de sujeito. E a Classe 3, além de aceitar uma Causa como sujeito, também aceita um Agente, e é esse traço agentivo que licencia as diferentes propriedades; diversamente do que ocorre com a Classe 2 que não permite essa leitura agentiva. Em (19), podemos ter (b) como paráfrase de (a); já em (20) somente (c) pode ser paráfrase de (a):

Cançado, M. D.E.L.T.A. 11. 2:279-99. 1995.

(19)a. A polícia acalma a multidão com seus cacetetes.

b. A ação direta da polícia sobre a multidão faz acalmar a multidão.

(20)a. A filha preocupa a mãe com suas saídas.

b.*A ação direta da filha sobre a mãe faz preocupar a mãe.

c. O fato de a filha sair preocupa a mãe.

Quanto à ligação de anáforas, temos que sendo o Exp mais proeminente que o Tema em uma hierarquia temática, segundo Giorgi, ele pode ser pego como antecedente. Em uma primeira análise, essa hipótese encaixa-se aos exemplos das Classes 2 e 3, mas não nos parece que seja a explicação adequada, pois existem outros tipos de verbos causativos que também permitem essa ligação:

(21) A confiança excessiva em si mesma_i matou Maria_i.

Como vamos mostrar que a Causa atribuída a esses verbos é temática, teria que ser estipulado onde entraria a Causa na hierarquia temática proposta por Giorgi, e se essa Causa estaria mais alta na hierarquia que o Experienciador, ou Paciente, como é o caso de outros verbos causativos.

Com as análises feitas acima para as classes do psico-verbos em português, vemos, contrariamente ao que

Cançado, M. D.E.L.T.A. 11. 2:279-99. 1995.

diz Grimshaw, que esses verbos não fornecem evidências para corroborar a organização da estrutura-A proposta pela autora e nem ao menos fornecem evidências para a existência de uma dimensão aspectual em uma estrutura argumental (ver Zaenen & Goldberg, 1993). Nesse ponto da análise, já podemos afirmar que a solução proposta por Grimshaw não é adequada, e já descartamos essa possibilidade de análise para os nossos exemplos. Mas, continuaremos com a análise em uma outra direção. Concordamos com Grimshaw e Pesetsky que o grupo de psico-verbos que têm o Exp no objeto tem um sentido causativo que os diferencia do grupo que tem o Exp no sujeito, e aceitamos as evidências mostradas pelos autores. Mas, queremos mostrar que a natureza dessa Causa não é aspectual, e não sendo aspectual, ela só pode ser temática, já que Causa, obviamente, só pode fazer parte de um componente semântico. Com essa constatação podemos atribuir as diferenças existentes entre as classes de psico-verbos à uma análise mais fina de seus papéis temáticos. Mostraremos esse fato, baseados na análise aspectual que van Voorst faz para os psico-verbos.

3. A Proposta Aspectual de van Voorst

Baseando-se em critérios propostos por Dowty (1979) e Vendler (1967), assim como Grimshaw, van Voorst (1992) faz uma análise semântica em termos aspectuais dos psico-verbos em inglês. O autor conclui que não existe nenhuma evidência aspectual que classifique os verbos psicológicos tal qual a classificação temática encontrada na

Cançado, M. *D.E.L.T.A.* 11. 2:279-99. 1995.

literatura, isto é, sob o ponto de vista aspectual, as classes encontradas para os verbos psicológicos são similares. Para essa análise, van Voorst divide os verbos psicológicos em quatro classes distintas, entre elas: as classes de *fear* ou Classe 1 do português e *frighten* ou Classe 2; também analisa verbos de ação transformados em psico-verbos e o *frighten* do inglês ou Classe 2 do português, com uma leitura intencional.

Essas quatro classes de psico-verbos comportam-se da mesma maneira em relação às propriedades aspectuais, em realidade, formando uma única classe, e essa classe tem características aspectuais de 'achievement'⁴.

3.1 Análise Aspectual em Português

Para comprovarmos a hipótese de van Voorst, aplicamos os mesmos testes nas classes dos verbos psicológicos em português. Explicaremos brevemente os testes aplicados⁵.

O Teste 1 mostra que com a adição da expressão *em x minutos*, somente um 'accomplishment' permite uma interpretação que o evento chega ao fim após passado um certo tempo. Com atividade, estado e 'achievement', somente uma leitura expressando o começo do evento é possível:

(22)?João teme o cachorro em 1 h

(23)?Rosa preocupa a mãe em 1 h.

(24) A polícia acalmou a multidão em 1 h.

Cançado, M. D.E.L.T.A. 11. 2:279-99. 1995.

Esse primeiro teste, mostra que as Classes 1 e 2 não podem ter uma leitura de 'accomplishment', porém a análise da Classe 3 expressa um 'accomplishment'.

Com o Teste 2, pela adição da expressão adverbial *por x minutos*, constata-se que em um 'accomplishment' tal construção não é permitida, ao passo que as outras três classes aspectuais permitem a adição dessa expressão:

(25) José teme o cachorro por uma hora,
não mais.

(26) Rosa preocupa a mãe por uma hora,
antes de aparecer.

(27)*A polícia acalmou a multidão com
seus cacetetes por 1 hora.

As Classes 2 e 3, aceitando o Teste 2, não se comportam como um 'accomplishment'; a Classe 3, corroborando o Teste 1, tem o comportamento de um 'accomplishment', não aceitando tal construção.

O Teste 3 é conhecido como o paradoxo do imperfeito: uma atividade no imperfeito implica na sua conclusão em qualquer ponto dessa atividade; já um 'accomplishment' no imperfeito não implica que o sujeito já realizou o que ele tinha de cumprir:

(28) João está temendo o cachorro. -implica
que ele temeu o cachorro em qualquer ponto.

(29) Rosa está preocupando a mãe. -implica que
a mãe se preocupou em qualquer ponto.

(30) A polícia está acalmando a multidão.

Cançado, M. D.E.L.T.A. 11. 2:279-99. 1995.

-não implica que a multidão já se acalmou em qualquer ponto.

O Teste 3 mostra que as Classes 1 e 2 podem ter um comportamento de atividade; e corrobora mais uma vez para a Classe 3 o seu comportamento de 'accomplishment'.

O Teste 4 mostra que o acréscimo do advérbio *quase* cria uma ambiguidade em frases com 'accomplishment'. O mesmo não ocorre para atividade, estado e 'achievements'. Os verbos com 'accomplishment' podem significar que o evento quase começou ou que o evento quase se completou. Atividade e 'achievement' só podem ter a primeira interpretação. Verbos com estado implicam que o estado fracassou antes de começar:

(31)?João quase temeu o cachorro.

(32)?Rosa quase preocupou a mãe.

(33) A polícia quase acalmou a multidão.

O teste 4 mostra que para as Classes 1 e 2 não se pode ter uma leitura ambígua; mas para a Classe 4 podemos interpretar que o fato quase aconteceu sem se iniciar, ou que o fato começou mas não se completou, indicando o seu comportamento de 'accomplishment'.

O Teste 5 mostra-nos o diferente comportamento de 'accomplishment' e atividade em relação ao objeto. O primeiro sempre necessita de um objeto individual. Se o objeto da sentença não for individual, sua leitura aspectual transforma-se em atividade, e vice-versa. Usando os

Cançado, M. D.E.L.T.A. 11. 2:279-99. 1995.

exemplos do Teste 3:

(34) José está temendo cachorros. -não
 transforma-se em 'accomplishment' pois
 implica que ele temeu algum cachorro. (35)
 Rosa está preocupando pessoas. -não transforma-se
 em 'accomplishment' pois implica
 que ela preocupou alguém.

(36) A polícia está acalmando multidões.
 -transforma-se em atividade, pois implica
 que alguma multidão foi acalmada.

Com o Teste 5 temos que a individualização dos objetos das Classes 1 e 2 não afeta em nada seu comportamento semântico-aspectual, e portanto, contrariando a possibilidade do Teste 3, vemos que não podemos tratar esses verbos como uma atividade. Já a mudança do objeto da Classe 3 para um plural, transforma a leitura de 'accomplishment' em atividade, constatando, mais uma vez, a natureza aspectual dessa classe. E

como Teste 6 temos que advérbios referindo-se à intensidade de um evento ou ao esforço de manter o evento se processando não são possíveis com estado, enquanto que para atividade, 'achievement' e 'accomplishment', eles são perfeitamente aceitáveis:

(37) José teme o cachorro
 imensamente.

(38) Rosa preocupa a mãe
 intensamente.

(39) A polícia acalma a multidão sem

Cançado, M. D.E.L.T.A. 11. 2:279-99. 1995.

muito problema.

Esse último teste mostra-nos que nenhuma das quatro classes pode ser classificada como estado, pois todas elas aceitam advérbios intensificadores.

Portanto, temos que, sem dúvida, a Classe 1 pode ser classificada como um 'accomplishment'. As Classes 1 (*temer*) e 2 (*preocupar*) não apresentaram as características de 'accomplishment'; também não puderam ser classificadas como atividade e nem como estado. Restou apenas a classificação de 'achievement' que é a mesma proposta por van Voorst. Vejamos um quadro geral da análise:

Quadro II

	Est.	Achi.	Acc.
Atv. 1/2 3			
<i>ter alc. que. pen. t/p ac</i>			
-----T1			
<i>em x m.</i> - - + - - +	T2		
<i>por x m.</i> + + - + + -	T3		
<i>ter feito</i> n/a n/a - + + -			
T4			
<i>quase</i> - - + - - +	T5		
<i>ind.obj</i> n/i n/i + + n/i +	T6		
<i>adv.</i> - + + + + +			

alc=alcançar; que=quebrar; pen=pensar; t=temer;			
p=preocupar; ac=acalmar			

Cançado, M. D.E.L.T.A. 11. 2:279-99. 1995.

n/a= não altera; n/i= não influencia

Vemos então que os nossos resultados diferem de van Voorst no sentido que as Classes 1 e 2 distinguem-se aspectualmente da Classe 3, mas a diferença aspectual não justifica os tipos de problemas que continuam a apresentar os psico-verbos das Classes 1 e 2, ou seja, a inversão dos papéis temáticos na realização sintática e alguns tipos de ocorrências anafóricas não típicas. Parece que a análise aspectual fornece-nos outros tipos de dados que não são relevantes no momento. E também, devemos ressaltar que entre as classes estudadas pelo autor não se enquadra nenhuma com as características da Classe 3⁶. Por isso, a análise feita para as outras classes continua válida; somente a generalização da não-diferença aspectual entre os psico-verbos invalida-se. Portanto, para as classes de psico-verbos de van Voorst, onde se incluem as estudadas por Grimshaw e as nossas Classes 1 e 2, temos comprovações no sentido que aspectualmente elas não apresentam diferenças, e por isso, prosseguimos com a análise sobre a natureza da Causa apontada por Grimshaw.

4. Conclusão sobre a Natureza da Causa

Van Voorst conclui o seu trabalho, apontando que a proposta de Grimshaw, que caracteriza os psico-verbos tipo *frighten* como tendo traços aspectuais de Causa, faz agrupar esses verbos na classe de 'accomplishment', como *quebrar* ou *abrir*. Esses verbos são geralmente caracterizados como

Cançado, M. D.E.L.T.A. 11. 2:279-99. 1995.

causativos na sua descrição conceitual e análise aspectual. A Causa tipicamente ocorre com uma mudança de estado finalizando um evento. A análise aspectual proposta por van Voorst mostra que os verbos psicológicos não se enquadram nas características de um 'accomplishment', e que não implicam em um processo acarretando uma mudança de estado. O status desses verbos como 'achievements' elimina a possibilidade de serem eles aspectualmente causativos. Essa constatação também elimina a possibilidade de verbos do tipo *fear* serem estativos, como prevê Grimshaw. A autora também assume que alguns verbos psicológicos podem ter um sujeito agentivo, como é o caso de *frighten* quando atribuída uma leitura intencional. Esses verbos têm uma entrada lexical separada e seu sujeito animado pode ser visto como ativamente envolvido na ação. Mas van Voorst mostra em sua análise que mesmo a leitura intencional não transforma a construção psicológica em atividade, e segundo Verkuyl (1989) e van Voorst (1988), agentividade não tem nenhuma função nas classificações aspectuais. Se agentividade não influencia análises aspectuais, e se para Grimshaw, a hierarquia aspectual determina qual argumento é realizado como sujeito, então, como explicar a força hierárquica do agente para se realizar sempre como sujeito? Portanto, segundo o autor, as análises semânticas propostas são inadequadas do ponto de vista aspectual. E dessa maneira, podemos concluir que a Causa existente nos psico-verbos não é, de forma alguma, de natureza aspectual.

Franchi (em prep.) divide a semântica das línguas naturais em dois níveis de análises bem distintos que são

Cançado, M. D.E.L.T.A. 11. 2:279-99. 1995.

caracterizados por critérios específicos e que não podem compor-se em uma só análise. Em um nível intensional, temos uma semântica do sentido que concerne aos modos de representação do real. Esse componente da semântica vai lidar com as relações predicativas (os papéis temáticos). A representação predicativa estende-se mediante mecanismos dêiticos e quantificacionais (incluindo aí o aspecto) que associam essas representações a determinados estados de fatos, ao que nomeamos de semântica referencial. Bierwisch (1969, 1971) faz uma distinção semelhante na sua caracterização de traços semânticos. E, também Verkuyl (1989) e Van Voorst fazem o mesmo quando afirmam que agentividade, que é uma relação predicativa, não interfere em classificações aspectuais. Dessa maneira, se o sentido causativo atribuído aos verbos psicológicos não é de natureza aspectual, ele só pode fazer parte do outro componente semântico existente que é o das relações predicativas, e portanto, quando falamos em Causa estamos lidando com um papel temático.

5. Considerações Finais

Temos que, segundo van Voorst, uma análise aspectual não fornece evidências para a classificação dos verbos psicológicos existentes na literatura. Isso parece ser verdadeiro, não pelo fato das classes não terem distinção aspectual, mas pelo fato da distinção existente não justificar o comportamento anômalo dos psico-verbos. Entretanto, as

Cançado, M. *D.E.L.T.A.* 11. 2:279-99. 1995.

classes continuam a existir e a distinguirem-se por propriedades sintáticas distintas e realização invertida dos papéis temáticos. Deve haver uma explicação para esse fenômeno. Não podemos simplesmente dizer que essas classes não existem porque elas não se distinguem aspectualmente, que parece ser a errônea conclusão de van Voorst. Também a análise sintático-aspectual de Grimshaw (1990) e outras análises sintáticas propostas na literatura⁷ não se mostraram adequadas para explicar o estranho comportamento dos psico-verbos. Não existindo diferenças a nível sintático e nem a nível aspectual entre as classes dos verbos psicológicos, tem de se buscar a solução para os problemas apresentados por esses verbos em um outro nível. Como foi provado acima, assumindo-se que os verbos do tipo *preocupar* têm a natureza causativa e esse ponto pode ser sustentado em Zaenen & Goldeberg (1993), Grimshaw (1990) e Pesetsky (1987, em prep.), e também por evidências empíricas da morfologia do japonês, essa Causa só pode estar associada a relações temáticas. Portanto, o que diferencia a Classe 1 da Classe 2 é a rede temática atribuída a essas classes. Partindo desse ponto, a nossa hipótese é que, uma das soluções adequadas para as questões levantadas pelos psico-verbos pode estar em uma análise semântico-representacional, em que as relações temáticas e seu conteúdo particular têm relevância para certas estruturas sintáticas (ver Cançado, em prep.).

Em uma primeira análise descritiva mais fina dos papéis temáticos, achamos diferentes redes temáticas para as classes dos psico-verbos:

Cançado, M. D.E.L.T.A. 11. 2:279-99. 1995.

(40) Classe 1= TEMER [Exp (Obj)]
Classe 2=PREOCUPAR [Cau (Exp)]
Classe 3= ACALMAR [Ag (Exp)]

Portanto, como não há diferenças sintáticas e nem aspectuais entre essas classes de verbos (pelo menos para a Classe 1 e Classe 2), podemos deduzir que os diferentes comportamentos e propriedades apresentados por estes verbos têm sua origem em suas diferenças semânticas. Propomos que, como essas classes envolvem diferentes papéis temáticos elas vão se projetar sintaticamente de maneiras diversas, e que essas projeções são submetidas ao princípio da Hierarquia Temática (ver Franchi e Caçado, em prep.).

Um segundo dado é a respeito da ligação de anáforas com o antecedente localizado no objeto. Como vimos, são verbos que aceitam o papel temático de Causa no sujeito que aceitam esse tipo de ligação. Levantamos outra hipótese de que a explicação para esse fenômeno também está relacionada às relações temáticas desses verbos.

E, uma terceira hipótese é que a natureza agentiva da Classe 3 lhe atribui as diferentes propriedades sintáticas detectadas pelos testes. Portanto, temos mais uma pista na direção de que esses verbos têm redes temáticas diferentes e que são essas diferenças temáticas que acarretam os diferentes comportamentos apresentados nas classes dos psico-verbos.

Os próprios autores, Grimshaw e Belletti & Rizzi, fazem referências quanto a uma análise distinta da proposta

Caçado, M. *D.E.L.T.A.* 11. 2:279-99. 1995.

por eles se o primeiro argumento da classe de *preoccupare* ou *frighten* forem agentivos. Isso evidencia que o papel temático de Agente tem influência em certas propriedades sintáticas que esses verbos apresentam. Também Grimshaw, quando classifica o Agente como sendo um caso especial de Causa e daí o argumento realizar-se como sujeito, e não tendo esta Causa um caráter aspectual mas sim temático, como foi provado, leva-nos à conclusão que as relações temáticas são importantes para uma análise acertada dos psico- verbos.

NOTAS

* Agradeço a Carlos Franchi pelas producentes discussões que possibilitaram este artigo e também ao apoio financeiro do CNPq.

¹ Também adotaremos o termo "psico-verbos" como um empréstimo do termo "*psych-verbs*", frequentemente usado na literatura da área, para nos referirmos aos verbos psicológicos.

² A escolha das propriedades e fatores envolvidos na seleção argumental analisados foi feita a partir de estudos sobre os psico-verbos já existentes na literatura linguística.

³ Observem que a tradução de *frighten* em português, *assustar*, não faria parte da Classe 2 mas da Classe 4, pois o verbo apresenta todas as propriedades das classes 2 e 3.

⁴ Deixarei os termos em inglês 'achievement' e 'accomplishment' por não ter encontrado uma palavra única que captasse o sentido exato dos mesmos. A literatura em português também refere-se a esses termos em inglês

Cançado, M. D.E.L.T.A. 11. 2:279-99. 1995.

(ver Hilari, 1983).

⁵ Devido à limitação do artigo, para um maior esclarecimento sobre esses testes ver van Voorst (1992), ou Dowty (1979).

⁶ A classe "agentiva" de van Voorst não é a mesma Classe 3; o que o autor faz é simplesmente atribuir uma leitura intencional à Classe 2, que continua sem as propriedades típicas da Classe.

⁷ A análise sintática de Belletti e Rizzi (1988) também, não consegue explicar os fatos envolvendo esses verbos (ver Cançado, 1994). E nem Zubizarreta (1992) que propõe uma solução para os psico-verbos em termos sintáticos, utilizando-se da relação de escopo; mas Johnson (1992) mostra que essa proposta não se sustenta.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BELLETTI, A. & L. Rizzi (1988) Psych -Verbs and Theta-Theory. *Natural Language and Linguistic Theory* 6: 291-352.
- BIERWISH, M. (1971) On Classifying Semantic Features. IN: D. D. STEIMBERG & L. A. JAKOBOVIS (eds). *Semantics*. 410-535. Cambridge: University Press.
- CANCADO, M. (1994) Os psico-Verbos do PB e a Análise da Proposta de Belletti & Rizzi, Manuscrito. IEL. UNICAMP.
- _____ (em prep.) Relações Estruturais e Semânticas dos Verbos Psicológicos. Tese de Doutorado. Campinas:

Cançado, M. D.E.L.T.A. 11. 2:279-99. 1995.

UNICAMP.

DOWTY, D. R. (1979) *Word Meaning and Montague Grammar*. Dordrecht: D. Reidel.

FRANCHI, C. (em prep) Teoria Generalizada dos Papéis Temáticos. Manuscrito. USP/UNICAMP.

FRANCHI, C. & M. Caçado (em prep.) Papéis Temáticos, Macro-Funções e Hierarquia Temática. Manuscrito. IEL. UNICAMP.

GIORGI, A. (1984) Toward a Theory of Long Distance Anaphors: A GB Approach. *Linguistic Review* 3: 307-361.

GRIMSHAW, J. (1990) *Argument Structure*. Cambridge. Mass: MIT Press.

HILARI, R. (1983) As Formas Progressivas do Português. *Cadernos de Estudos Linguísticos* 5: 27-60.

JOHNSON, K. (1992) Scope and The Binding Theory: Comments on Zubizarreta. IN: E. WEHRLI & T. STOWELL (eds). *Syntax and the Lexicon- Syntax and Semantics* 24: 259-276. New York: Academic Press.

KAINE, R. (1975) *French Syntax*. Cambridge, Mass: MIT Press.

PESETSKY, D. (1987) Binding Problems with experiencer Verbs. *Linguistic Inquiry* 18:126-140.

_____ (in prep.) Experiencer, Predicates and Universal Alignment Principle. Manuscrito. Department of Linguistics and Philosophy, MIT.

VENDLER, Z. (1967) *Linguistics in Philosophy*,

Caçado, M. D.E.L.T.A. 11. 2:279-99. 1995.

- Ithaca: Cornell University Press.
- VERKUYL, H.J. (1989) Aspectual Classes and Aspectual Composition. *Linguistics and Philosophy* **12**: 39-94.
- van VOORST, J. (1992) The Aspectual Semantics of Psychological Verbs. *Linguistics and Philosophy* **15**: 65-92.
- ZAENEN, A. & A. GOLDBERG (1993) Review of Grimshaw (1990). *Language* **69.4**: 807-817.
- ZUBIZARRETA, M.L. (1992) The Lexical Encoding of Scope Relations among Arguments. IN E. WEHRLI and T. STOWELL (eds) *Syntax and the Lexicon-Syntax and Semantics* **24**: 211- 258.